

Governo e desgoverno em *Lavoura Arcaica*

Márcio Sales

**“Ninguém dirige aquele
que Deus extravia”**

Raduan Nassar, *Um copo de cólera*

1. Governo e desgoverno. Governo dos outros que tenta impor uma verdade, um modo de ser, uma maneira de viver. Desgoverno como linha de fuga, resistência diante do poder que tudo quer controlar, revolta que provoca um embate, um mal-estar, uma tensão. Governo de si que procura traçar uma estratégia de luta, uma experiência possível de liberdade, uma estética da própria existência. Desgoverno como salto suicida, niilismo, falta de potência para viver e criar. *Lavoura Arcaica*, livro de Raduan Nassar, nos envolve com essas questões.

2. Passear pelas páginas cinzentas de *Lavoura Arcaica* é participar do devir caótico que move o mundo e adentrar no coração da terra. É perfurar o chão do mundo com todas as suas folhagens, umidades e ventanias. É rasgar o corpo desejante que se quer livre, enquanto amarras tentam fincar raízes. É romper costumes, valores, tradições cristalizadas na poeira do tempo. É bradar um grito pulsante até estremecer cada pedaço da pele. Sua narrativa é uma sinfonia inebriante, dançante e cambaleante. Antes que se vire a página requer que se recupere o ar.

3. O começo no quarto, no chão do quarto, é recoberto de signos. O corpo descoberto, ainda que esfacelado, é cheio de vida. Pois ali, nos braços do aposento, a liberdade é infinita. No calor do quarto só entra quem você quer. *O quarto é inviolável*. É a mente, o pensamento, o desejo mais íntimo. Mas eis que alguém bate à porta. O incômodo no cômodo da pensão. O desconforto no conforto do coração. A voz do pudor, da decência contida no amor da família pesa nos ombros já despojados da mochila pesada do passado – *senti nos seus braços o peso dos braços encharcados da família inteira*. Mas assim como a tarde, a vadiagem acompanha a vida de André. E com ela toda a

desordem, a confusão, a crise, o delírio. *É o meu delírio, Pedro, é o meu delírio, se você quer saber.* Para além dos sermões do pai, o que sopra na face é a sedução de Ana. Para além do dever e da austeridade, o que conta é a lucidez na escuridão. Com ela se pode pegar deus com as mãos. É que dos detritos no porão do navio pode nascer uma flor. *Nem tudo em um navio se deteriora no porão.* Ainda que escuro e tenebroso o porão do navio, há que se acender o pavio e estancar o sangue. Ainda que as estacas demarquem o limite, há que se traçar uma linha de fuga. Novas imagens e paisagens do pensamento. Mesmo que o novo seja uma reinvenção do velho, uma reapropriação da terra, uma reaproximação de casa. Afinal, *estamos indo sempre para casa.* Para onde quer que se vá, é sempre para o começo que se vai. O eterno retorno que a cada volta nos faz diferentes. Idas e vindas, encontros e desencontros, composição e decomposição. A vida é esta certeza cheia de incertezas. Resta-nos saborear cada momento.

4. Cada instante é único. A repetição é sempre diferente. E ser diferente é trair os costumes; é renunciar a memória; é negar a hereditariedade. *Contra o que for hereditário.* A sabedoria do pai é uma peste que corrói a pele até o osso – *tudo em nossa casa é morbidamente impregnado da palavra do pai.* Pesados são os seus sermões. E cheios de inconsistências. Firmes como uma rocha que se dissolve ao sabor do vento. Por trás da aparência de ordem se esconde o caos. Em cada raio de razão um feixe de loucura. No fundo de cada cesto de roupas sujas, a mancha de solidão. É dos cacos no chão que se faz o mosaico do vitral.

5. Mas não é assim que o pai vê e quer. O que espera é um acerto de contas com o tempo. É ao tempo que se deve prestar atenção. Ele é a medida exata de todas as coisas. Sua sabedoria requer exercício e paciência, disciplina e obediência. Mas, sobretudo, paciência. *A paciência há de ser a primeira lei desta casa. (...) A paciência é a virtude das virtudes.* Onde falta paciência sobra confusão, delírio, tumulto das paixões. *E o mundo das paixões é o mundo do desequilíbrio, é contra ele que devemos esticar o arame de nossas cercas.* Contra as paixões, contra o corpo, contra a intensidade da vida – *ai daquele, mais lascivo, que quer tudo ver e sentir de um modo intenso.* Uma vida sem paixão e regada pela paciência. Uma vida recolhida em sua sobriedade. Uma vida ascética em nome da união da família. O tempo requer disciplina, requer paciência, requer obediência: *a paciência é a virtude das virtudes, não é sábio quem se desespera, é insensato quem não se submete.* É preciso curvar-se à força que vem de fora, que vem

do tempo, que vem do outro. É preciso sujeitar-se ao governo de alguém. Nisto consiste o aprendizado, a sabedoria, a boa colheita. Saber ouvir a voz do tempo e o tempo da voz. Sentir o tempo no próprio corpo. Virtude da velhice: *na doçura da velhice está a sabedoria*. A experiência tem voz de comando. Velhice é sinônimo de verdade. A verdade que vem do alto: pai, rei, deus.

6. Mas a vida de cada um é um poço bem fundo. Ou melhor, um poço sem fundo. Um lugar de passagem, onde as verdades vazam pelas fissuras do pensamento. Vazam e se perdem. E nessas fissuras escuras habitam o ínfimo, o desprezível, o obscuro. Insetos pavorosos circulam pelos esgotos úmidos da existência e se perdem em seu silêncio: formigas, larvas, escaravelhos. Eles nos habitam e ficam guardados em nosso silêncio. *Como é possível tanto repouso nesse movimento?* Aparentemente está tudo calmo, tranquilo, sossegado. A identidade encobre a tempestade de cada subjetividade. O nome esconde o tumulto das múltiplas tribos que transitam no deserto da cada um. Mas cada um é uma multidão. E no tumulto dessa multidão o corpo vibra e se agita e desestrutura o organismo. Não sabemos do que o corpo é capaz. *Revolucione a mecânica do organismo*. Crie para si um *Corpo sem Órgãos*. O corpo vibrátil produz novas potências e novos afetos. E eis que de repente, *liberado na loucura*, o corpo gira, gravita e salta em outras direções.

7. Mas tudo isso tem um preço. Os mecanismos de poder estão em todo lugar. Cercam, vigiam, punem. Disciplinam os corpos e regulam a vida. Impõem um *código de conduta: o excesso proibido, o zelo uma exigência, e, condenado como vício, a predica constante contra o desperdício*. Enquanto o corpo ejacula seus desejos, os dispositivos de poder cerceiam seus furores de maneira ainda mais rígida. Enquanto o estômago grita cada vez mais alto, o poder altivo reclama paciência. Paciência com requintes de crueldade e de sarcasmo.

8. *A impaciência também tem os seus direitos*. E assim ela pede passagem. Em toda relação de poder há resistência. Mas é preciso estratégia para cultivá-la: *nenhum espaço existe se não for fecundado*. Resistir à dominação, ao controle minucioso, ao governo que quer conduzir para melhor explorar. A resistência reclama por liberdade. Por um pouco de liberdade que permita sentir *o fluxo da vida*. Uma liberdade que faça de cada

um *o profeta da sua própria existência*. Em meio ao governo dos outros, experimentar o governo de si. Cultivar a própria existência, com o direito, inclusive, de errar.

9. O governo de si requer um outro tempo. Não o tempo cronometrado e universalizado da disciplina, mas o tempo de cada um. O tempo singular. Tempo versátil que contem todas as possibilidades: *aion* contra *cronos*. Tempo dionisíaco que se insurge contra um tempo apolíneo. Tempo não das coisas, não das formas, mas das forças, das máscaras, das infundáveis criações. Tempo de criança. O tempo é uma criança que brinca. A criança se perde num tempo que é só dela e nele ela inventa sua brincadeira e se inventa nela. Dentro do quarto o tempo se transfigura. É o tempo dentro do tempo, ou melhor, fora do tempo. *Às vezes suave, às vezes mais terrível, demônio absoluto conferindo qualidade a todas as coisas*.

10. O caos, a loucura, o trânsito, o movimento está em tudo. Cada um é uma porção desse caos. Cada um vê o mundo a partir da sua própria loucura. Cada vida é um móbil em trânsito. Cada repouso, um movimento. A vida não é a mesma para todos. A vida é singular. E cada paixão que a acompanha é também singular. Mas como *viver esta paixão singular?* A vida é submetida a padrões que a governam. Poder sobre a vida. Biopoder. A vida é capturada, bloqueada, investida, regulada. Mas tudo em nome de outra vida, uma vida além, uma vida aquém, uma vida sem, sem vida. Ou ao contrário. Em defesa da vida. Em defesa da ordem. Em defesa da harmonia. Em defesa da sociedade. Contra os perigos que ameaçam a vida e incendeiam o mundo.

11. Conter a loucura que insiste em florescer. Ainda que ela seja *mais sábia que a sabedoria do pai*. Conter o grito de liberdade que pulsa no peito. Liberdade escandalosa que é negada e cercada com *travas, ferrolhos e amarras*. Uma verdadeira batalha. Duelo de titãs. Tudo assume a dimensão da guerra. As relações de poder só podem ser pensadas na perspectiva da guerra. E a guerra não passa de diferentes perspectivas da vida. Cada qual na sua razão. Cada qual na sua verdade. Cada qual no seu interesse. Até o saber é um combate na existência. *Tudo é uma questão de perspectiva*.

12. Nas relações de poder uma visão prevalece e se oficializa. O outro é o clandestino. Um olhar domina o outro e impõe sua paisagem. É o olhar do pai. É o olhar da moral. É

o olhar de deus. Nada escapa a esse olhar sobranceiro. Mas há sempre um sopro de revolta, um sonho ao avesso, um ar de revolução. De onde vem tanta rebeldia? Tudo é questão de encontros. Os encontros que temos suscitam medos, acanhamentos, ressentimentos. Mas também coragem, astúcia, enfrentamento. Os encontros definem as lutas, os termos da luta, o jogo da luta. *Que culpa temos nós se fomos duramente atingidos pelo vírus fatal dos afagos desmedidos? Que culpa temos nós se fomos acertados para cair na trama desta armadilha?* As lutas são armadas pela história. Não escolhemos nossas lutas, somos jogados nelas. Só podemos escolher as armas com que vamos lutar e as estratégias para tal combate.

13. E meio às batalhas, a culpa. Mas a culpa é um câncer. A culpa corrói os nervos. Como se livrar da culpa? É preciso acabar com o julgamento. Do pai, de deus, do outro. É preciso acabar com qualquer julgamento. O fim do julgamento implica na *morte de deus*, que quer dizer o fim do destino traçado. Sendo assim, a morte de deus é a condição para o novo. A possibilidade de se reinventar, de se conduzir na existência, de se compor a si mesmo tal como um artista que dá forma à sua arte. A estética da existência requer um corte no julgamento. Contra a moral dominante e pela ética do cuidado de si.

14. O cuidado de si é a atenção que se deve ter para consigo mesmo. Olhar para si, para seus pensamentos e ações. A sabedoria começa por esse mundo menor que é o si, o eu, a individualidade. É preciso primeiro arrumar a casa que cada um é. A partir daí é que acontece a abertura para o mundo maior, para o caos do cosmos.

15. O retorno para casa consiste na revisão do que fomos, do que somos e do que podemos nos tornar. Uma revisão também das nossas relações. Na divisão da mesa estava marcada a bifurcação da árvore familiar. O galho da direita, o troco frutífero. O galho da esquerda, a anomalia. No centro, a altivez do pai. Divisão de poder.

16. O pai estabelece a ordem. Dita o ritmo da vida. A luz da história. *Mas toda ordem traz uma semente de desordem, a clareza, uma semente de obscuridade.* Tudo é uma questão de perspectiva. A ordem de um é o desconforto do outro. A luz que alumia também cega. O que para um é saúde para o outro é enfermidade. E na doença pode existir uma *poderosa semente de saúde*. A realidade não é a mesma para todos.

17. Aquele que governa o outro sabe o que é melhor para ele. Aliás, ele só quer o bem do outro. E pelo bem do outro, pelo cuidado que por ele tem, define a sua felicidade, a sua segurança, o seu modo de ser e de existir. Aquele que governa conduz o caminho do governado. *Mas os que semeiam e não colhem, colhem contudo do que não plantaram.* Gozam de uma felicidade que não é sua, de um mundo que não é seu. Vivem na pele de terceiros.

18. Entre governo e governados não há conversa. De qualquer maneira, qualquer discussão soa como perda de tempo, pois cada qual avalia o mundo pelas suas próprias lentes. *Não acredito na discussão dos meus problemas, não acredito mais em troca de pontos de vista, estou convencido, pai, de que uma planta nunca enxerga a outra.* Uma planta julga a outra e impõe o seu jugo. Ata-lhe as mãos e as cabeças. Mas ainda resta os pés para sair em retirada, para encontrar a rota de fuga. *Se já tenho as mãos atadas, não vou por minha iniciativa atar também meus pés.* Se o governo do outro é uma imposição inevitável, cabe ao governado a revolução. O grito de revolta é a volta que se dá para uma outra direção. É a quebra dos grilhões. *A vítima ruidosa que aprova seu opressor se faz duas vezes prisioneira.*

19. O caos é inerente ao mundo. Não há como fugir do caos. Só resta surfar em suas ondas revoltosas e extrair delas a potência da vida. Jogo dos contrários. Fogo que consome. Bons e maus encontros. Experimentar a existência caótica é conhecer os bons encontros que aumentam a potência da vida. Mas também saber dos encontros que enfraquecem, que sugam a seiva, que bloqueiam a vida. *A única coisa que sei é que todo meio é hostil, desde que negue direito à vida.*

20. Em toda relação de poder há resistência. Mas até quando é possível resistir? Qual é o limite da resistência? *É difícil determinar onde acaba nossa resistência.* Em todo caso, a resistência é uma possibilidade, um exercício, uma experiência em meio ao confronto. Um modo de correr contra a corrente e fazer o vento soprar a seu favor. A grande lição do tempo é que tudo muda, inclusive a direção do vento. O tempo e o vento.

21. Tudo muda. E tudo se cala diante da mudança inesperada. A mais altiva torre de babel pode vir ao chão. A maior árvore de raízes profundas pode desabar. O grande navio desafiador das águas pode afundar. *Era o guia, a tábua solene, era a lei que se incendiava - essa matéria fibrosa, palpável, tão concreta, não era descarnada como eu pensava.* Tudo que é solido se espatifa no chão, dependendo da fúria da queda. Tragédia anunciada. Devir certo. Desgoverno da vida. Todo retorno é um novo começo.